

O IDEALISMO DE BERKELEY E QUESTÕES AMAZÔNICAS

BERKELEY'S IDEALISM AND AMAZONIAN ISSUES

Cloves Barbosa¹

Armando Wilson Tafner Junior²

Resumo: Este artigo trata do idealismo de Georges Berkeley e o seu lugar nas teorias filosófico-epistemológicas. O bispo anglicano teoriza com preocupações religiosas e quer evitar as teorias que se reportam ao ateísmo. O seu idealismo filosófico foi construído com esta preocupação fundamental.

Palavras-chave: idealismo berkeleyano, ateísmo, religião, filosofia, panteísmo.

Abstract: This paper introduces the Berkeley's idealism and his place into the philosophical theory. The Anglo-Saxon Church's bishop made your theory about church-yard focus and has the goals against the atheism's conceptions. The Berkeley philosophical idealism was made with this first proposal.

Keywords: the Berkeley's idealism, atheism, religion, philosophy, pantheism.

INTRODUÇÃO

Georges Berkeley nasceu em 1685 na cidade de Dysart Castel, na Irlanda, e, morreu em

1 Doutor em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP, e, professor Titular da Faculdade da Unifesspa/ICH, Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia-Tocantins, e do Mestrado PROFSOCIO - Unifesspa, Marabá. CV: <http://lattes.cnpq.br/3601523254313657>. Contato: cloves@unifesspa.edu.br.

2 Doutor em Economia pelo NAEA (Núcleo de Altos Estudos da Amazônia/UFPA), e, professor da Faculdade de Ciências Sociais (ICH) Unifesspa, Marabá, e coordenador/professor do Mestrado PROFSOCIO. Contato: armandojr@unifesspa.edu.br.

1753, em Oxônia, no Reino Unido. Publicou duas obras fundamentais para a composição do seu pensamento, que são: o Tratado sobre os princípios do conhecimento humano, em 1710, e Três diálogos entre Hilas e Filonous, em 1713. Ele foi bispo da Igreja Anglicana, o que foi determinante para que o seu empirismo adquirisse uma grande caracterização idealista. Ele se contrapõe às tendências epistemológicas “materialistas” por considerá-las eivadas e fundamentais para sustentar a tendência ateuista na filosofia e na sociedade (Berkeley, 2005).

A CONSTRAPOSIÇÃO ENTRE A IDEIA E A MATÉRIA

O predomínio da ideia

Berkeley sustenta a ideia acima de tudo, e, de modo mais preciso, o espírito. Ele procura contornar o problema cartesiano da existência do homem e das coisas com o refúgio numa abstração absoluta.

O que se tem dito da existência absoluta de coisas impensáveis sem alguma relação com seu ser percebidas parece perfeitamente ininteligível. Seu esse é percepi (o seu ser é serem percebidas) nem é possível terem existência fora dos espíritos ou das coisas pensantes que os percebem (Berkeley. Tratado... &3. 2005, p. 26. Grifos do original).

A dúvida cartesiana encontrou uma consistência efetiva entre pensadores como uma espécie de âncora a partir de onde se podia iniciar a teorização sobre o ser a as coisas, o que causou profundo incômodo em Berkeley. O que Descartes afirmou ser a certeza inicial que fornece o embasamento para as construções filosóficas Berkeley toma como algo a ser contestado. Berkeley nega a “existência absoluta de coisas sem alguma relação com seu ser percebidas”. A percepção de algo é o ponto fundamental da partida das produções teóricas em Berkeley. Para ele é impossível a existência de qualquer ente por si mesmo, mas, somente enquanto contido num espírito que contém tidas as entidades.

Só há uma substância, o espírito, o percipiente. Mas para prová-lo considerem-se as qualidades sensíveis, cor, figura, movimento, cheiro, sabor, etc., isto é, as ideias, percebidas pelos sentidos. Ora, para uma ideia, existir em coisa não percipiente envolve contradição, porque ter uma ideia é o mesmo que percebê-la; porquanto, aquilo onde cor, figura e qualidades análogas existem tem de percebê-las; de onde ao poder haver substância não pensante ou *abstractum* daquelas ideias (Berkeley. Tratado... &7. 2005, p. 28. Grifos do original).

Berkeley apresenta uma proposição e procura comprová-la. Ele diz: “só há uma substância, o espírito, o percipiente”. Ele sustenta que uma substância abstrata é o que realmente existe: o espírito. E, a abstrata substância contém tudo nela mesma. Ela é “o percipiente”, ou seja, esta substância molda tudo em seu interior. E, em seguida, procura provar o que afirmou. diz ele: “as qualidades sensíveis, isto é, as ideias, percebidas pelos sentidos”. Nesta elaboração, Berkeley antecipa o que quer provar, isto é, ele se revela um ideólogo argumentativo. As qualidades só existem enquanto percebidas pelos sentidos. Em seguida, Berkeley se volta para a coisa que se manifesta pelas suas qualidades. “Para uma ideia, existir em coisa não percipiente envolve contradição”. Assim, ele manifesta a própria valorização do princípio da lógica formal clássica na construção argumentativa: a não contradição, e retorna à filosofia em elaboração; “ter uma ideia é o mesmo que percebê-la”. A percepção é princípio fundamental da teorização que ele produz. Assim, ele inverte as preocupações de René Descartes, que colocando tudo sob dúvida, encontrou a realidade com substrato do ser e do seu processo de conhecer. Berkeley, ao contrário, questiona a existência efetiva das coisas (matéria) para sustentar a efetividade do espírito: o espírito percipiente.

A matéria

O princípio fundamental da teorização de Berkeley sustenta a sua produção teórica em todos os momentos.

Ao lado da infinita variedade de ideias ou objetos do conhecimento há alguma coisa que os conhece ou percebe, e realiza diversas operações como querer, imaginar, recordar, a respeito deles. Este percipiente, ser ativo, é o que chamo mente, espírito, alma ou eu. Por essas palavras não designo alguma de minhas ideias, mas, alguma coisa distinta delas e onde existem, ou o que é o mesmo, por que são percebidas; porque a existência de uma ideia consiste em ser percebida (BERKELEY, 2005, p. 26).

As ideias e objetos que são submetidos a processo do conhecimento necessitam de algo cognoscente ou percipiente. A teorização de Berkeley sustenta que a denominação de matéria não existe por si, mas, está totalmente dependente do que ele chama “mente, espírito ou eu”, que é o percipiente, o ser ativo. É exatamente o percipiente que “conhece ou percebe”. Para Berkeley o conhecer é o ser percebido. Ele passa a se contrapor aos que possuem a “matéria” como ponto de partida do conhecimento e da existência, sem fazer menção a quem quer que seja. “Houve quem fizesse distinção entre qualidades primárias e secundárias, contando nas primeiras a extensão, forma, movimento, repouso, solidez ou impenetrabilidade e número; nas segundas, as qualidades sensíveis, como cor, som, sabor etc.”. As discussões que sustentam que uma entidade existente (ontologia real, material) apresentando predicções está fora de propósito. As distinções entre qualidades primárias (essenciais) a um ente, como “extensão, forma, movimento, repouso, solidez ou impenetrabilidade e número”, e, qualidades secundárias (sensíveis ou fenomenológicas) como “cor, som, sabor” para argumentar como formulações inapropriadas à epistemologia. E, conclui apontando que essas argumentações “matéria é uma substância inerte e não sensível em que subsistem atualmente extensão, figura e movimento”, ou seja, algo externo com existência relativamente autônoma. (...). “De onde a verdadeira noção da chamada matéria ou substância corpórea envolver contradição” (Berkeley. Tratado... & 9. 2005, p. 28).

Berkeley procura sustentar a argumentação na lógica formal, que não admite contradição na formulação teórica. Ele não fundamenta a possibilidade de representação teórica de algo que esteja fora da razão. A realidade material torna-se inaceitável quando a racionalização expressa um conteúdo que não esteja na fonte produtora de raciocínios: a razão; o espírito.

Seria erro ver nestas afirmações a negação da realidade das coisas. É princípio aceito que extensão, movimento, em suma, todas as qualidades sensíveis não subsistentes por si precisam de um suporte, mas os objetos sensíveis são reconhecidamente apenas combinações dessas qualidades e, portanto, não podem subsistir por si (...). Negando, pois, às coisas sensíveis existência, independente da substância do suporte onde podem existir, não nos afastamos da opinião comum de sua realidade nem somos culpados de inovação alguma (Berkeley. Tratado... & 91. 2005, p. 61-62).

O que Berkeley sustenta é a existência, não da matéria em si, mas, a existência de um substrato que a comporta. Ele procura se fundamentar na tradição filosófica afirmando que não se afasta “da opinião comum de sua realidade nem somos culpados de inovação alguma”. Ele coloca-se como seguidor da tradição filosófica consolidada sustentando que “todas as qualidades sensíveis não subsistem por si precisam de um suporte” (Berkeley, 2005, p. 61). Berkeley prossegue na resolução do seu problema principal com esta formulação que solapar o principal fundamento do ateísmo, conforme a concepção teológico-filosófica: o ateísmo.

Expulsa da natureza a matéria, varrem-se muitas noções ímpias e céticas, e um número incrível de disputas e enigmas, que foram espinhos no lado de teólogos e filósofos, e deram à humanidade tanta obra inútil que, se nossos argumentos em contrário não forem demonstrativos (como a mim me parecem), estou certo de que todos os amigos do conhecimento, paz e religião têm razão para desejar que o fossem (Berkeley. Tratado... & 96. 2005, p. 63).

Esta é a construção que Berkeley apresenta como uma espécie de alternativa às elaborações cartesianas. Com esta formulação Berkeley contorna o problema filosófico da existência de uma divindade suprema. O ceticismo, no caso o que relaciona à existência de um ser divino, foi inserido por Berkeley entre as disputas teóricas filosóficas e teológicas que ele classifica como sendo inúteis aos “amigos do conhecimento, paz e religião”. Ele nunca se restringe à filosofia, mas, sempre apresenta e reapresenta a questão da divindade em razão da teologicidade que é necessária à sua teorização.

A existência da matéria ou de corpos impercebidos não só foi o melhor suporte de ateístas e fatalistas, mas, também do mesmo princípio depende a idolatria em suas várias formas. Se os homens considerassem que o Sol, a Lua, as estrelas e quaisquer objetos sensíveis não têm outra existência senão ser percebidos, nunca adorariam as próprias ideias, mas, dirigiriam sua homenagem ao Eterno Espírito invisível, criador e conservador de tudo (Berkeley. Tratado... & 94. 2005, p. 63).

Berkeley sustenta que a base material que foi tomada como o suporte epistemológico resultou em produções teóricas com três conteúdos principais:

a) o ateísmo com o fatalismo. A consideração dos objetos sensíveis como possuidores de existência objetiva é o suporte das teorizações sobre a não existência de um ser divino. “A matéria ou existência absoluta de objetos corpóreos mostrou ser onde os maiores e mais perniciosos inimigos de todo conhecimento, quer humano, quer divino, puseram maior força e confiança”. A razão da difusão deste conteúdo é, objetivamente, “a existência real de seres não-pensantes do fato de serem percebidos e tomando-os como subsistentes por si fora do espírito” é o fundamento do ateísmo e do ceticismo. A divindade se torna desnecessária e o conhecimento se torna impossível de se tornar pleno (Berkeley. Tratado... & 133. 2005, p. 80).

b) as várias formas de idolatria. A existência objetiva dos objetos sensíveis (coisas e seres) torna possível que eles sejam adorados como se fossem uma divindade. Se estes objetos fossem concebidos como não possuidores de outra existência “senão de serem percebidos” os humanos não os adorariam, pois, saberiam que eles são, apenas suas próprias ideias, e, “dirigiriam sua homenagem ao Eterno Espírito invisível, criador e conservado de tudo” (Berkeley. 2005, p. 63).

c) os adversários do idealismo de Berkeley. Berkeley conclui este conteúdo se dirigindo aos seus adversários teóricos quanto a sua posição idealista do seguinte modo: “Céticos e ateístas sempre fizeram silêncio sobre a hipótese de haver somente espíritos e ideias, e este esquema quadra perfeitamente com a razão e a religião; creio que podemos admiti-la e aceitá-la firmemente” (Berkeley. Tratado... & 133. 2005, p. 80). E, sustenta a direção de sua proposição teórica relacionando razão e religião, e, se afasta do empirismo (e do positivismo) sustentando que: “Muitas afirmações absurdas

e heterodoxas e muito ceticismo sobre a natureza da alma provieram da opinião de julgar os espíritos cognoscíveis por uma ideia ou sensação” (Berkeley. Tratado... & 137. 2005, p. 81). Ele propõe unir o que se encontra separado na epistemologia. “Ceticismo provém de supor uma diferença entre coisas e ideias e que as primeiras subsistem fora do espírito ou impercebidas. Fácil fora alongar este assunto e mostrar como os argumentos dos cétricos dependeram sempre da suposição de objetos externos” (Berkeley. Tratado... & 87. 2005, p. 59-60). Berkeley funde a objetividade com a subjetividade.

O movimento externo

O movimento das “substâncias materiais” independente é inadmissível para Berkeley. “Cor, figura, extensão, movimento e outras, consideradas apenas sensações no espírito, são perfeitamente conhecidas; nelas nada é impercebido. Mas consideradas notas ou imagens, referidas a coisas ou arquétipos exteriores ao espírito, arrastam-nos ao ceticismo”. As manifestações de uma substância material pela “cor, figura, extensão, e movimento” não constituem algo externo a um processo objetivo, mas, simples aparências. “Temos as aparências, não a realidade das coisas. Que sejam extensão, figura, movimento ou alguma coisa real e absolutamente ou em si não podemos sabê-lo, mas, apenas sua proporção ou relação com nossos sentidos” (Berkeley, 2005, p. 59-60).

Berkeley assimila a diferença entre essência e aparência que está presente na filosofia grega de uma maneira específica. Ele atribui ao termo aparência a tudo o que é visto, percebido ou observado. Por isso, “temos as aparências, não a realidade das coisas”. O movimento dos objetos está em serem percebidos, por isso, existentes. O movimento que existe é exata e estritamente o movimento da percepção. Este é um dos aspectos que estão presentes nas sustentações de Galileu Galilei. Galilei demonstra a falsidade dos argumentos siderais de seus plagiadores que sustentavam a percepção da realidade dos objetos que passaram a ser observados no espaço em razão do uso do telescópio como “um movimento da passagem do não ser ao ser” (Galilei, 1996).

Os corpos são avaliados a partir das hipóteses de possuírem movimento, solidez e peso.

Berkeley recorre à elaboração de diálogos, como é recorrente em Platão. Berkeley criou dois personagens que dialogam entre si. Assim como em Platão o personagem Sócrates é o mestre e Teeteto, entre outros é discípulo, em Berkeley Filanous aparece como mestre enquanto Hilas ocupa o lugar de discípulo para apresentar os conteúdos filosóficos de maneira mais acessível (Platão, 2007, p. 52-54). Os três aspectos com que os objetos são apreciados estão apresentados resumidamente conforme o seguinte conteúdo:

Filanous - A rapidez do movimento de qualquer corpo não está acaso na razão inversa do tempo em que percorre determinado espaço? Assim, um corpo que percorre uma milha em uma hora está animado de um movimento três vezes mais rápido do que se percorresse uma milha durante três horas.

Hilas - Concordo convosco.

Filanous - E não será verdade que o tempo é medido pela sucessão das ideias em nossa mente?

Hilas - Assim é.

Filanous - E não seria acaso coisa possível que as ideias se sucedessem na vossa mente duas vezes mais rápidas que na minha própria, ou na de algum espírito de outra espécie que nós?

Hilas - Admito que sim.

Filanous - A uma outra pessoa, por conseguinte, pode parecer que o mesmíssimo corpo realiza o percurso de certo espaço em metade do tempo que vos parece a vós. E para outra relação qualquer o mesmo raciocínio seria válido. Quer isso dizer: por vossos princípios (admitindo que os movimentos percebidos existem ambos no próprio objeto), é possível que um só e mesmo corpo se mova realmente ao mesmo tempo com muita rapidez e muito vagar. Como se concilia isso com o senso comum, e com o que há pouco ainda me concedestes?

Hilas. Não tenho nada que vos opor (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 119-120. Grifos do original).

O personagem Filanous ($\phi\lambda\alpha\nu\omega\varsigma$: amigo da mente, da razão, ou melhor, do espírito) ocupa uma posição relevante nas iniciativas de propor uma discussão, e, conduz o seu dialogante, Hilas, a confrontar, rever e acatar os conteúdos que expressa (Pereira, 1984, p. 390. 610, e, 990).

O discípulo Hilas assimila a relação inversa do movimento e o tempo em que o movimento acontece. Filanous apresenta a supremacia das ideias em relação a qualquer realidade objetiva, e,

corrige o discípulo conforme a própria concepção da existência das coisas. “E não será verdade que o tempo é medido pela sucessão das ideias em nossa mente? E não seria acaso coisa possível que as ideias se sucedessem na vossa mente duas vezes mais rápidas que na minha própria, ou na de algum espírito de outra espécie que nós?”. Os conteúdos ideais são subjetivamente ressaltados em uma pessoa é distinto dos conteúdos presentes em outra pessoa. A negação absoluta da realidade despona na argumentação com uma força descomunal. O movimento de “uma coisa real” depende da percepção individual formulada numa ideia. A relativização que Berkeley apresenta independentemente de um ponto, mas, tão somente a cada subjetividade que, aprioristicamente, formula uma ideia própria e absoluta, cujo conteúdo é, no caso, levado ao discípulo. Filanous pergunta acerca do movimento de um corpo: “é possível que um só e mesmo corpo se mova realmente ao mesmo tempo com muita rapidez e muito vagar. Como se concilia isso com o senso comum, e com o que há pouco ainda me concedestes?”. E, o discípulo Hilas responde: “Não tenho nada que vos opor” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 120).

Albert Einstein sustentou posteriormente que existem “algumas generalidades sobre o ponto de vista crítico que pode ser aplicado às teorias científicas”. Einstein destaca duas destas generalidades que necessitam ser apreciadas: a) a relação entre teoria e empiria. “A teoria não deve contradizer os fatos empíricos” (Einstein, 1982, p. 29); b) a relação entre as premissas que constituem a teoria. “Entre as teorias com bases igualmente ‘simples’, deve ser considerada superior, aquela que delimita de modo mais definido as qualidades dos sistemas, que, de outro modo, seriam impraticáveis”. Einstein destaca a necessidade de haver relações entre teoria e prática, o que aponta para a “perfeição do sistema”. E, continua: “Não preciso citar a ‘abrangência’ das teorias, uma vez que estamos nos limitando às que têm como objeto a totalidade dos fenômenos físicos” (Einstein, 1982, p. 30. Grifos da fonte). Embora Einstein tenha vivido bastante tempo depois de Berkeley, o conteúdo da teorização possui fundamentos na filosofia clássica grega.

Berkeley passa a considerar a solidez das coisas por meio do diálogo seguinte:

Filanous - Passemos então à solidez. Quanto a tal palavra, de duas uma: ou

não entendeis por ela uma qualidade sensível – e, nesse caso, está fora de nosso inquérito; ou se por tal a entendeis, deve ser a dureza ou resistência. Ora, tanto a primeira como a segunda são decerto relativas aos sentidos (...). E não é verdade de menor evidência que a resistência que eu sinto não reside no objeto.

Hilas - A própria sensação de resistência, que é tudo o que imediatamente percebemos, não deixo de reconhecer que não está no corpo: mas a causa da sensação – essa, sim (...). Espero que perdoes meu enleio; mas é que não sei como desembaraçar-me de minhas antigas opiniões.

Filanous - Para de vez vos tirardes desse enleio, considerai no seguinte: reconhecido que a extensão não existe sem mente, eis de admitir o mesmo pelo que respeita ao peso, à solidez, ao movimento, pois todos pressupõem a extensão. Torna-se supérfluo, por conseguinte, investigar particularmente para cada um deles. Negando a extensão real, a recusaste ao mesmo tempo a esses todos (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 121-122. Grifos do original).

A argumentação se desloca da realidade efetiva para os sentidos que podem ou não, serem atribuídos a esta realidade. A solidez é apresentada como um termo portador de dois sentidos:

a) a qualidade sensível. Qualidade “não é uma qualidade sensível” e, mais ainda, ela “está fora da inquirição”. A afirmação contém o desvio das discussões aristotélicas sobre a polissemia que um ente (ser, substância) recebe nas teorizações (Aristóteles,);

b) a solidez ou resistência. “Não é verdade que de menor evidência que a resistência que eu sinto não reside no objeto”. A solidez de algo não passa de uma percepção resultante da observação sensorial imediata.

Os argumentos apresentados deixam Hilas perplexo: “espero que perdoes meu enleio; mas, é que não sei como desembaraçar-me de minhas antigas opiniões”. A intervenção de Filanous segue o mesmo padrão de deslocamento: “a extensão não existe fora da mente, e, o mesmo acontece com peso, solidez e movimento”. Peso, solidez e movimento dependem da extensão. Por isso, “negando a extensão real”, o peso, a solidez e o movimento são consequentemente negados.

O lugar em que as observações são realizadas também interferem nas formulações dos conteúdos teóricos, o que Berkeley desconsidera. Aristóteles chamou atenção para a relevância do

terreno em que as argumentações teóricas acontecem e que se sustentam com alta importância para a epistemologia (Aristoteles,). Einstein também considerou o lugar de realização da realização das experiências como sendo relevante e que acarreta implicações nos detalhes das expressões teóricas sobre uma coisa. “Como as altitudes têm menos gravidade, a frequência dos átomos mudará levemente. Assim, o tempo passa mais depressa em altitudes maiores” (Philips & Priwer, 2004, p. 154).

O CONHECIMENTO

O ataque do ceticismo

O primeiro fundamento a estar consolidado, conforme Berkeley, é o que pode ser conhecido, ou seja, “o objeto” do conhecimento, a partir de onde pode-se estabelecer “um sistema de sólido e real conhecimento, à prova do ataque do ceticismo, do que principiar por distinguir claramente o sentido de coisa, realidade, existência”. Ele procura estabelecer “o sentido” do que é realidade (Berkeley. Tratado... & 89. 2005, p. 60).

Coisa ou Ser é o termo mais geral; compreende duas espécies distintas e heterogêneas, que só têm em comum o nome: espíritos e ideias; os primeiros são substâncias ativas e indivisíveis; as segundas, seres inertes, transitórios, dependentes, não subsistentes em si, mas, em espíritos ou substâncias espirituais. Compreendemos nossa existência por intuição ou reflexão; a dos outros espíritos pela razão. Pode dizer-se termos algum conhecimento ou noção de nosso próprio espírito e seres ativos, mas, em estrito sentido não temos ideias deles. Semelhantemente, conhecemos e temos noção de relações entre coisas ou ideias, distintas das ideias ou coisas correlatas tanto quanto podemos perceber as últimas sem perceber as anteriores. A mim parece-me que ideias, espíritos e relações são em sua respectiva espécie o objeto do conhecimento humano e o sujeito do discurso (Berkeley. Tratado... & 89. 2005, p. 60-61).

Quando Berkeley toma “Coisa ou Ser” como sendo uma expressão referencial geral acaba revelando a busca de tomar a tradição filosófica clássica grega como uma base de conteúdos assimilados na sua teorização. Coisas, ou, substâncias subsistentes constituem os espíritos. Os seres

espirituais são “substâncias ativas e indivisíveis”, enquanto as ideias são seres “inertes, transitórios, dependentes, não subsistem em si”. As substâncias ativas, as substâncias inativas e as relações delas entre si ou de umas com as outras constituem o objeto da ciência: “ideias, espíritos e relações são em sua respectiva espécie o objeto do conhecimento humano e o sujeito do discurso”. Ele ressalta mais uma vez que a existência de todas estas substâncias está em “ser percebidas”. “As ideias impressas nos sentidos são coisas reais ou existem realmente; negamos que existam fora do espírito percipiente ou que sejam semelhanças de arquétipos exteriores ao espírito, pois uma sensação ou uma ideia consiste em ser percebida” (Berkeley. Tratado... & 90, 2005, p. 61). Berkeley continua argumentando de diversos modos que as substâncias espirituais são as que efetivamente existem.

Filonous - Que não existe aquilo a que entre os filósofos se dá o nome de substância material – além disso me persuado eu, e muito a sério; porém, se me levassem a ver de tal convicção qualquer absurdeza ou ceticismo, teria tanto motivo para renunciar a ela, decerto, como a que julgo ter agora para rejeitar a oposta (...).

Hilas - Confesso francamente, Filonous, que não vale a pena resistir mais tempo. Cores, sons, sabores... – em suma: aquilo que se chama qualidades segundas – não existem decerto fora da mente, que tal confissão, todavia, não leve a supor que derrogo um nada na realidade da matéria ou do objeto externo, pois sei que esse juízo sobre as qualidades segundas numerosos filósofos o mantiveram já, ficando sem embargo o mais longe possível da negação da existência da matéria (Berkeley. Diálogos. 2005, p. 95).

Berkeley reafirma a não existência efetiva daquilo que “entre os filósofos se dá o nome de substância material”, e, vincula o conteúdo da proposição ao que ele qualifica de ceticismo: a indiferença com relação à qualquer divindade ou entidades espirituais. Depois da sustentação do referido conteúdo, Hilas concorda plenamente em relação as “qualidades segundas”, ou aparências. O discípulo quer sustentar a existência da realidade material, qualidades primeiras, ou, essenciais. Este conteúdo passa a ser questionado por Filonous quanto trata de: humanos e outros animais; as coisas, objetos e sensações; e, a (im)possibilidade do conhecimento humano.

Os homens e os animais

As observações sobre os humanos e os outros animais tornou-se um tema relevante para Berkeley prosseguir nas teorizações sustentadoras da sua epistemologia. A relativização do que “o ser humano observa” chega aos “animais minúsculos: vermes”. Berkeley elabora um conteúdo sobre a maneira como animalzinho realiza a sua auto-observação: “um gusano que vê suas próprias patas como corpos de considerável dimensão”. A observação humana é formulada com outro conteúdo: “a vós as mesmas coisas vos parecem apenas discerníveis, ou quando muito, como só uns pontinhos”. a falta de contraposição de Hilas acarreta uma formulação mais ampla: “aquilo que com dificuldade vós lograis discernir, a outro animal extremamente miudinho poderá aparecer como uma montanha imensa”. Hilas manifesta a plena concordância com as formulações teóricas (Berkeley. Diálogos... & 9. 2005, p. 115).

O personagem Filanous expressa a proposição de que “no objeto não há extensão nem figura, quando sucede que a um dos olhos parecer pequeno, redondo, liso e ao outro grande, desigual, anguloso”. Hilas reage solicitando esclarecimento sobre a generalidade do conteúdo expresso: “poderá dar-se jamais um caso desses?”. Filanous expressa haver assimilado a recomendação de Bacon quando ao uso de instrumentos para o funcionamento adequado tanto da mente (razão), quanto da mão (Bacon, 2000), do seguinte modo: “sempre que quiserdes tereis dela (objeto) a experiência mirando com um dos olhos a olho nu, e observando o outro por um microscópio”. Hilas fica sem saber o que dizer diante da afirmação: “não sei, na verdade, como defender este ponto”. Berkeley argumenta sustentando a proposição da substancia percepçionante, como se segue:

Filanous - Se admitirmos que não pode nenhuma ideia, nem coisa alguma que se assemelhe a uma ideia, existir numa substância impercepçionante – com toda a segurança se concluirá daí que nenhuma figura ou modo da extensão, que seja percepçionável ou imaginável, ou de que logremos alcançar qualquer ideia, pode ser realmente inerente à matéria; já não falando no particular embargo que haveria em conceber que uma substância material, distinta da extensão e anterior a ela, fosse o substractum da extensão. Trate-se de qualquer

das qualidades sensíveis – seja a cor, ou a figura, ou o com – afigura-se como coisa impossível que ela possa existir no que a não percebe.

Hilas - Por agora, tomo a decisão de abandonar este ponto; mas reservo-me o direito de a retratar mais tarde, se vier a descobrir algum passo em falso no percurso do caminho que me levou a ela (Berkeley. Diálogos... & 9. 2005, p. 119. Grifos do original).

A hipótese substância percebente como um substrato que tudo abarca está sempre emergindo e sendo sustentada nos argumentos da teoria de Berkeley. Hilas declina do próprio posicionamento, embora de maneira provisória, aceitando a proposição da não existência efetiva da matéria. Este conteúdo sempre sustentado por ele é o fundamento que suporta a negação da argumentação empírica para sustentar o próprio idealismo.

A observação dos objetos

Berkeley passa a teorizar sobre a negação definitiva da possibilidade do conhecimento empírico, que toma a coisa submetida a uma avaliação empírica e sustenta o aspecto idealista de tudo.

Filanous - Podereis, até, às ideias de extensão e de movimento separá-las das ideias dessas várias qualidades a que aqueles que as distinguem denominam segundas? (...). Como é possível pronunciar esta palavra movimento, por si mesma e só – se conclui que possa em minha mente formar a ideia de movimento com a exclusão da ideia de corpo? (...). Além disso (sem inquirir sobre a natureza do intelecto puro e dos respectivos objetos espirituais: virtude, razão, divindade, e, outros) o que parece manifesto é que as coisas sensíveis só são percebíveis pelos sentidos, ou então representáveis pela imaginação. A figura e a extensão, por conseguinte, percebidas originalmente pelos sentidos, não são pertencentes ao intelecto puro (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 124-128).

A negação da empiria acarreta a defesa da supremacia da razão (mente, ou espírito). Berkeley sustenta proposição da existência de uma separação entre “as ideias de extensão e de movimento” que estão entre as “qualidades segundas” do ser (coisa, ou substância: qualidades primeiras). As

chamadas “qualidades segundas” foram inseridas entre os “objetos da sensação”, e, ainda, a “ideia de movimento” pode ser “formada na mente” sem a necessidade da presença de “um corpo”. Fica subentendido que, pelo menos há uma distinção absoluta entre “a ideia de corpo, e, a ideia de intelecto puro” com os objetos espirituais: “virtude, razão, divindade”, e, volta a corrigir a concepção de conteúdo empírico assimilada por Hilas de que “as coisas sensíveis só são percebidas pelos sentidos” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 128).

Restou a Hilas reconhecer o próprio erro diante das lições do mestre Filanous:

Hilas - Considerável erro de minha parte, ao que me agora parece, foi o não distinguir suficientemente entre objeto e sensação (...).

Filanous - A que objeto aludis? Ao dos sentidos?

Hilas - A esse mesmo.

Filanous - É ele percebido imediatamente?

Hilas - Decerto (...).

Filanous - De maneira que, se houvesse percepção sem ato da mente, seria possível que tal percepção existisse numa substância não pensante (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 129-131).

A concepção baseada numa empiria ficou plenamente negada pelo discípulo Hilas que reconhece não haver feito uma distinção plena entre “objeto e sensação”, o que estava sendo atribuído aos sentidos. A sequência argumentativa acarreta a supremacia “da mente como substância pensante” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 131).

A necessidade de avaliar o tópico da visão desponta nos argumentos pela inexistência real das “substâncias corpóreas”.

Filanous - Por aquilo que à visão respeita, não estará caso em vosso poder o abrir os olhos ou mantê-los fechados, voltá-los para este ou para aquele lugar?

Hilas - Sem dúvida (...).

Filanous - Nesses casos, por conseguinte, sois vós inteiramente passivo?

Hilas - Tal sou.

Filanous - E disse-me agora: o ver, Hilas, consiste no perceber a luz e as cores, ou no abrir e no volver dos olhos?

Hilas - No perceber (...).

Filanous - Quer dizer: cada uma das substâncias corporais, sendo o substrato daquela extensão, deve ter em si uma outra extensão, pela qual se qualifica como substrato; e assim sucessivamente, ao infinito. Pergunto se não será isto um absurdo, e contraditório com aquilo que concedestes há pouco, a saber: que o substractum é distinto da extensão, e outrossim, exclusivo dela.

Hilas - Valha-me Deus, Filanous, que me não entendeis! O que digo não é que a matéria se estende por debaixo da extensão, em sentido grosseiro e literal. Emprega-se a palavra substractum tão-só para exprimir de maneira genérica a mesma coisa que substância (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 131 e 135. Grifos do original).

A passividade do ser “supostamente cognoscente” é ressaltada no conteúdo da proposição apresentada no personagem Filanous: “o ver consiste no perceber a luz e as cores” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 131). Berkeley avança na finalização do conteúdo propositivo apontando uma contradição empírica na formulação de uma distinção entre um “substractum e a extensão”, o que conclui a sustentação do conteúdo proposto de não distinção entre a ideia (espírito, razão) e substância (coisa, ser) (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 135). A questão da teidade está fundamentada, bastando apresentar a formulação definitiva.

A QUESTÃO DA TEIDADE

A verdadeira natureza das coisas

Berkeley teoriza sobre a impossibilidade do conhecimento empírico, apesar de apontar a existência física de algo.

Filanous - Não conheço que é real esta pedra sobre a qual me encontro, que é real essa árvore, que ante meus olhos vejo?

Hilas - Conhecer? Não, é impossível que as conheçais, vós ou algum homem vivo (...). Não devemos pretender afirmar ou reconhecer coisa alguma a respeito do que são em sua natureza própria (...).

Filanous - Não é estranho que todo o mundo se deixe iludir desse feitio, e que sejam todos de tal modo néscios que deem algum crédito a seus sentidos? (...).

Hilas - Assim fazem com efeito. Mas a prática da vida não tem exigências

de exatidão de conhecimento especulativo. Por isso o vulgo conserva seus erros (...). Os que são filósofos, porém, atingem um conhecimento melhor das coisas.

Filanous - Quereis dizer que conhecem que não conhecem nada (...).

Hilas - É o cume e a perfeição do conhecimento humano. (...).

Filanous - Não é tudo ainda: pois que não sois ignorante tão-somente da verdadeira natureza de todas as coisas, senão que não sabeis, ainda por cima, se alguma coisa real existe, ou se há verdadeiramente natureza quaisquer – já que esses seres materiais em que credes lhes atribuis uma existência exterior absoluta, em que supondes consistir a realidade deles (...).

Hilas - Concordo convosco: a substância material não era nada mais do que hipótese, aliás falsa e sem fundamento (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 183-186).

Hilas responde a questão acerca da realidade de uma pedra que está sendo vista como estando familiarizado com a teoria de Berkeley e com a qual já apresenta grande concordância quanto ao conteúdo da proposição. O que se observa como fisicamente existente não passa de ilusão para Berkeley. “Conhecer? Não devemos pretende afirmar ou reconhecer coisa alguma a respeito do que são em sua natureza própria” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 183).

Filanous expande a questão para os demais seres humanos quanto a “ilusão de conhecer a natureza das coisas” através dos sentidos. Hilas formula o conteúdo do mestre Filanous inserindo-a no conhecimento filosófico: “A prática da vida não tem exigências de exatidão de conhecimento especulativo”. O conhecimento vulgar se limita aos aspectos práticos, e, assim, “não conhecem nada” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 184). O desenvolvimento argumentativo de Berkeley conclui que “a substância material” não passa de uma hipótese false e sem fundamento” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 186). o que resta desta teorização é a existência de um ser espiritual, e nada mais. Este ser espiritual começa a emergir na teoria de Berkeley.

Deus: único agente que abarca tudo

Berkeley retorna ao tema do ceticismo, porém, de maneira mais abrangente, afirmando não

ser “um cético no que diz respeito à natureza das coisas, não o sou também quanto a sua existência” (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 186). Ele eleva o ceticismo ao seu alcance máximo e delimita o terreno onde ele recusa uma suposta postura ceticista, que ele não revela onde a encontra, e nem em quais teorizações ou onde a encontrou. A atitude de Berkeley o possibilita apresentar mais uma vez a teoria de que as coisas existem enquanto são percebidas:

Filanous - As coisas percebidas pelos sentidos são todas percebidas imediatamente – são ideias; e as ideias só podem existir na mente; sua existência, por conseguinte, consiste no serem percebidas; e quando são atualmente percebidas, por isso mesmo não podemos duvidar sobre a existência das coisas sensíveis até que sejam provadas pela veracidade de Deus. Poderia duvidar de minha própria existência com o mesmo direito com que pusesse em dúvida a existência das coisas que vejo e que palpo (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 187).

A percepção de todas as coisas acontece de maneira imediata. Elas são reduzidas à ideias. “As ideias só podem existir na mente; sua existência consiste no serem percebidas”. Neste ponto específico, Berkeley revela ter conhecimento da teoria cartesiana do “penso, logo existo”, passando pela existência de todas as coisas, e, que foi levada ao extremo de uma teologia negativa para demonstrar a existência de Deus. (Descartes, 2004). A teorização de Berkeley faz com que não se pode duvidar, inicialmente, “da própria existência”, e, ainda da “existência das coisas sensíveis até que sejam provadas pela existência de Deus”. Mas, Berkeley vai além de Descartes, como aparece a seguir (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 187).

A veracidade das coisas está completamente dependente da veracidade da existência de Deus. Deus é o espírito que abarca (contém) tudo: trata-se de uma formulação panenteísta: Há um único Deus. Deus comporta tudo; Deus é tudo, e, tudo é Deus. Tudo o que existe é o próprio Deus. A reação de Hylas é formulada com a mesma intensidade e abrangência: “Não podeis conceber de que maneira é que as coisas poderiam existir sem ser na mente”, o que Filanous confirma ser exatamente esta proposição formulada (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 187).

Hilas continua demonstrando haver assimilado os ensinamentos de Filanous e formula uma questão em conformidade com a teorização do mestre, conforme segue:

Hilas - Supondes que sois aniquilado. Não podeis conceber que continuem a existir as coisas percebidas pelos sentidos?

Filanous - Posso; mas cumpre que existam sem ser numa outra mente. Quando nego que os sensíveis existam sem ser na mente, não entendo em particular minha mente, sendo que toda e qualquer mente. As coisas têm – é bem manifesto – existência exterior à minha mente, pois acho pela experiência que não dependem dela. Há, portanto, outra mente na qual existem nos intervalos das percepções que tenho delas – assim como existem antes de ser eu nascido e hão de continuar a existir, ainda, depois de meu suposto aniquilamento. E como a proposição é também verdadeira naquilo que diz respeito a todos os outros espíritos criados e finitos, segue-se necessariamente que há uma Mente onipresente e eterna, que conhece e compreende todas as coisas, e, as apresentam-nos à vista de certa maneira, e de acordo com certas regras – regras essas por Ela (sic) própria instituídas, às quais nós outros damos o nome de leis da natureza.

Hilas - Respondei-me, Filonous: dar-se-á que todas nossas ideias são seres perfeitamente inertes? Ou há atividade incluída nelas?

Filanous - São de todo inertes e passivas.

Hilas - E não é Deus um agente? Um ser puramente ativo?

Filanous - Reconheço-o.

Hilas - Nenhuma ideia, por conseguinte, poderá jamais ser semelhante a Deus, ou representar a natureza de Deus.

Filanous - Decerto não pode (Berkeley. Diálogos... 2005, p. 186-189).

O destaque em grafia inicial maiúscula para as palavras Mente e o pronome revelam o destaque da referência a uma entidade específica e superior à existência comum e observável. O extremo da aniquilação é tomado como fundamento da continuidade da existência abarcada por um recipiente invisível, que é uma “Mente onipresente e eterna que tudo conhece e compreende todas as coisas, e, apresentando-nos à vista de certa maneira”. Agora, é o discípulo Hilas que argumenta e apresenta os conteúdos que antes provinham do mestre Filanous. Esta Mente assim apresentada é Deus.

A religiosidade em populações amazônicas

A vivência religiosa em populações indígenas, especialmente na Amazônia atual, vem mantendo com bastante destaque, o que Freud (1973) e outros teóricos denominam de “Totem e Tabu”. Freud define o totem do seguinte modo:

Um animal comestível, ora inofensivo, ora perigoso e temido, e mais raramente uma planta ou força natural (chuva, água) que se encontram numa relação particular com a totalidade do grupo. O totem é, em primeiro lugar, o antepassado do clã, e, em segundo lugar, seu espírito protetor e seu benfeitor, que envia oráculos a seus filhos e os conhece e protege em casos de perigo. Os indivíduos que possuem o mesmo totem se encontram submetidos à sagrada obrigação, cuja violação traz consigo um castigo automático e abster-se de comer sua carne ou aproveitar-se dele em qualquer outra forma (Freud, 1973, p. 1748).

A divindade e o grupo humano estão correlacionados com preceitos a serem observados e a quem recorrem temerosamente em qualquer situação existencial. O totem representa concretamente a figura de um ser todo poderoso e superior que deve ser respeitado como representante do grupo humano. “O caráter totêmico não é inerente a um animal particular ou a qualquer outro objeto único (planta ou força natural), mas a todos os indivíduos que pertencem à espécie do totem” (Freud, 1973, p. 1748). O grupo étnico, no caso, os indígenas, submetem-se às observações rituais relativas ao totem que foram herdadas dos antepassados. O totem possui uma autoridade absoluta e inquestionável.

O violento e tirano pai constituía seguramente o modelo visado e temido de cada um dos membros da associação fraternal, e ao devorá-lo se identifica com ele e se apropria de uma parte de sua força. A comida totêmica, talvez seja a primeira festa da Humanidade, seria a reprodução comemorativa deste ato criminoso e memorável que constituiu o ponto de partida das organizações sociais das restrições morais e da religião (Freud, 1973, p. 1836).

O totem se constitui como referência coletiva que deve ser temido e seguido. A sua autoridade cultural coletiva está acima de tudo e se impõe sem apresentação de alternativas efetivas. “O animal

totêmico é, na realidade, uma substituição do pai, fato com o qual se harmoniza a contradição de que estando proibida sua morte em época normal se celebra como uma festa seu sacrifício e que depois detê-lo matado lamenta-se e chora sua morte” (Freud, 1973, p. 1837).

Conforme Freud, o totem se constitui como representação visual e efetiva do pai primordial que foi assassinado pelos próprios descendentes e precisa ser celebrado em rituais que amenizam as ameaças de castigo. O que aconteceu com o pai primordial não pode se repetir com o totem. A prescrição dos normativas do tabu se constituem nas observâncias de uma vontade superior que era exercida pelo pai, agora ausente. “O tabu, isto é, o destinado a proteger a vida do animal totêmico, se enlaça, em troca, a aspiração do totemismo a ser considerado como a primeira tentativa de uma religião” (Freud, 1973, p. 1840). Agora a figuração do pai primordial precisa ser protegida pelo grupo étnico, no caso, indígenas, que reverenciam a figura de uma ser ausente que se faz presente numa representação que se renovam constantemente, no tempo, mesmo que a consciência temporal esteva pouco ou nada desenvolvida no grupo étnico que assume o totem para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religiosidade, juntamente com a adoração a uma divindade específica, está caracterizada social e historicamente. Os questionamentos sobre a (não) existência de um ser referencial de tudo para a vida de grupos étnicos e povos plurinacionais se tornaram muito comuns nos mais diversos ambientes, principalmente, acadêmicos. A filosofia de Berkeley se constituiu visando preservar a divindade em geral, e, especificamente, o Deus cristão dos questionamentos em torno da sua existência corpórea, por isso, material. A filosofia de Berkeley procura construir a ideia de um Deus que esteja livre das questões de prova e de negação da sua existencia concreta. Por isso, Berkeley reuniu tudo o que existe numa entidade que tudo abarca e qua nada existe fora dela. A sua filosofia é um panenteísmo que surge de maneira tão detalhada nas suas formulações, A negação da materialidade da divindade tem a negação da materialidade de tudo como ponto de partida e de chegada teórica.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. “Metafísica”. In. REALE, M. Aristoteles, Metafísica. Vol. II. Livro A (primeiro). 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2005, p. 1-67.

BACON, F. Novo órgãoon, ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BERKELEY, G. Tratado sobre os princípios do conhecimento humano, e Três diálogos entre Hilas e Filonous em oposição aos cétricos e ateus. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

DESCARTES, R. Descartes: Discurso do método: Discurso do método. As paixões da alma. Meditações. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

EINSTEIN, A. Notas autobiográficas. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREUD, S. “Totem e tabu”. In. Idem. Obras completas. Tomo II. Cap. LXXIV. 3ª Edição. Madri: Editorial Biblioteca Nueva. 1973, p. 1745-1850.

GALILEI, G. O ensaiador. Onde com perfeito e justo equilíbrio, raciocina-se sobre as coisas contidas na “Balança Astronômica e Filosófica” de Lotário Sarsi Sigensano, escrita em forma de carta ao Ilustríssimo e Reverendíssimo Monsenhor D. Virginio Cesarini, Acadêmico Mestre da sala de N. S. pelo senhor Galileu Galilei, Acadêmico Liceu nobre florentino, filósofo e matemático principal do sereníssimo Grão-Duque da Toscana. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PEREIRA, I. Dicionário grego-português e português-grego. 6ª edição. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1984.

PLATÃO. “Teeteto, ou do conhecimento”. In. Idem. Diálogos I: Teeteto, ou do conhecimento. Sofista, ou do ser. Protágoras, ou sofista. Bauru: EDIPRO, 2007, P.41-156.

PHILIPS, C. & PRIWER, S. O livro completo sobre Einstein. Da matéria e energia ao espaço, tudo o que você precisa para entender o homem e suas teorias. São Paulo: Madras, 2004.